

Cioran e Schopenhauer: Duas visões romenas

José Thomaz Brum

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC–Rio

RESUMO

Este artigo pretende apresentar dois diferentes pontos de vista sobre os ecos schopenhauerianos nas obras de Emil Cioran (1911-1995).

Palavras-chave: Cioran. Schopenhauer. Marta Petreu. Ciprian Valcan

ABSTRACT

This article aims to present two different points of view on the Schopenhauerian echoes in Emil Cioran's works.

Key-words: Cioran. Schopenhauer. Marta Petreu. Ciprian Valcan

Gostaria de apresentar, e comentar, dois pontos de vista sobre a relação entre Cioran e Schopenhauer: o de Marta Petreu e o de Ciprian Valcan.

Marta Petreu publicou, em tradução francesa, um artigo intitulado *Schopenhauer et Cioran. Philosophies parallèles*. Nele a autora inicialmente menciona o fato de que “a cultura romena moderna se coloca desde o início sob o signo de Schopenhauer”¹, e também a extraordinária façanha do príncipe Zizin Cantacuzène, que traduziu para o francês os *Aforismos para a sabedoria na vida*, *Da quádrupla raiz do princípio de razão suficiente* e sobretudo *O mundo como vontade e representação*. “Soberbo presente oferecido à cultura francesa”², nota Petreu. Quanto a Cioran, Petreu observa que, entre suas fichas de leitura conservadas nos arquivos da família, há aquelas redigidas entre os dezoito e dezenove anos que falam de leituras das acima citadas traduções de Cantacuzène.

Mas as célebres cartas de juventude (1930-1934) endereçadas por Cioran ao amigo Bucur Tincu são os maiores exemplos, segundo Petreu, de “expressões tingidas de schopenhauerianismo”³. Entre elas, uma marcante, a segunda, datada de 23 de setembro de 1932, “testemunha o contato estreito de Cioran com Schopenhauer”⁴. Cioran fala aqui de seu ensaio intitulado *As revelações da dor*,

¹ PETREU, Marta. *Schopenhauer et Cioran. Philosophies parallèles*. In Eugène Van Itterbeek (s. dir.), *Cahiers Emil Cioran. Approches critiques*, vol II, Sibiu/Leuven, Éditions de L'Université Lucian Blaga/Les Sept Dormants, 2000, p.107.

² PETREU, Marta. Op cit, p. 108.

³ Idem, p. 109.

⁴ Idem, p. 110.

publicado em 1933 na revista *Azi (Hoje)*, e republicado em francês na antologia de textos de juventude *Solitude et destin*⁵: “Tentara demonstrar que o destino individual, enquanto realidade interior, irracional e imanente, só se revela a nós através da dor, que esta é a única via positiva de compreensão interior dos problemas pessoais”⁶. Diz Petreu: “aqui os termos ‘o destino enquanto realidade interior’ ou ‘a dor enquanto realidade positiva’ são nitidamente schopenhauerianos”⁷. Não por acaso o jornal espanhol *El País*, em seu suplemento literário *Babelia* de 9 de abril de 2011, publicou essa carta em espanhol para homenagear o centenário de Cioran.

Mas é na leitura das obras de juventude de Cioran, sobretudo em *Nos cimes do desespero* (1934), que Petreu enxerga elos de Cioran com Schopenhauer. A vida, segundo o jovem Cioran, “não tem nenhum sentido”, “se mantém sem razão”, “em seu dinamismo cego”. Petreu vê aí a *vontade de viver* schopenhaueriana: “Embora a vida seja para mim um suplício, não posso renunciar a ela. Para ser sincero, deveria dizer que não sei porque vivo, nem porque não cesso de viver. A chave reside, provavelmente, na irracionalidade da vida, que faz com que esta se conserve sem razão”⁸. Diz Marta Petreu: “neste livro, a presença mais importante, subjacente, secreta, permanece a de Schopenhauer, embora possamos detectar nele traços da leitura cioraniana de Nietzsche, Pascal, Dostoievski, Bergson, Spengler e outros”⁹.

Petreu menciona também uma importante entrevista mais tardia de Cioran (maio de 1986) ao grande historiador húngaro François Fejtö: “Dresden foi uma das mais belas cidades do mundo. Schopenhauer escreveu lá a sua obra *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Quando morei nessa cidade, eu era fascinado por Schopenhauer”¹⁰. Cioran morou em Dresden em 1935, no final de seu estágio alemão em que estudara com Nicolai Hartmann e com Ludwig Klages.

Petreu fala também do segundo livro do jovem Cioran, *O livro dos enganos (Cartea amagirilor)*, 1936). Diz que já o seu título é schopenhaueriano: “engano”, “leurre”, seria a “ilusão” schopenhaueriana. Cioran, “do fundo de suas ilusões”

⁵ CIORAN, Emil. *Solitude et destin*. Paris, Arcades-Gallimard, 2004, p. 205 a 221.

⁶ Apud PETREU, Marta. Op cit p.110.

⁷ Idem.

⁸ CIORAN, Emil. *Sur les cimes du désespoir*. Trad. André Vornic, Paris, L’Herne, 1990, p. 72-73.

⁹ PETREU, Marta. Op cit, p.116.

¹⁰ CIORAN, Emil. *Entretiens*. Paris, Arcades-Gallimard, 1995, p. 190-191.

(diz Petreu), enuncia “a tristeza de ser”. Schopenhauer, por sua vez, repete o tempo todo – seguindo Calderón – que “o maior crime do homem é ter nascido”. Conclui então a autora: “O *livro dos enganos* se coloca na proximidade do filósofo alemão igualmente por seus temas, dos quais os dominantes são: a individuação, a música e a santidade”¹¹. E diz ainda: “A solução de Schopenhauer – sacudir as cadeias da vontade de viver por meio da santidade – torna-se em *Cartea amagirilor* e depois em *Lacrimi si sfinti* (1937) um hino dedicado aos santos”¹². Se, em *O livro dos enganos*, Cioran diz que “ficaria incomodado se o considerassem discípulo de Schopenhauer ou de Nietzsche”, no mesmo livro pode-se ler: “será que poderia conter a minha alegria se me chamassem de discípulo dos santos?”¹³.

Outro tema schopenhaueriano presente em Cioran, segundo Petreu, refere-se à “metafísica schopenhaueriana da cosmogênese”¹⁴. Na visão de Schopenhauer, a vontade “engendra” o mundo sob a forma do tempo; assim “estar no mundo equivale a estar no tempo”. Não pertencer ao tempo, “não ter nascido” (“*n’être pas né*”), é a regressão salvadora para Cioran, diz Petreu – aludindo a uma de suas obras francesas mais conhecidas: *De l’inconvénient d’être né* (1973). Cioran confirmaria assim a ideia de Schopenhauer de que “o pecado original é o crime da existência ela própria”.

Ciprian Valcan, por sua vez, em um artigo mais recente, *Les idées schopenhaueriennes dans l’oeuvre roumaine de Cioran*¹⁵, retorna sobre as posições de Marta Petreu e coloca questões importantes. Lembra que a autora dissera, em sua obra principal, *Un trecut deocheat sau ‘Schimbarea la față a României’* (1999), que “a metafísica schopenhaueriana juntamente com a filosofia da história e da cultura de Spengler seriam as duas fontes essenciais para compreender o pensamento de Cioran desde o início e até o fim”¹⁶. E começa a criticar a ideia de Marta Petreu de que, nos dois livros de juventude de Cioran (*Nos cumes do desespero* e *O livro dos enganos*) o fundamento seria a metafísica schopenhaueriana.

¹¹ PETREU, Marta. Op cit, p. 117.

¹² Idem, p.118.

¹³ CIORAN, Emil. *Le livre des leurres*, Paris, Arcades-Gallimard, 1992, p. 246.

¹⁴ PETREU, Marta. Op cit, p. 118.

¹⁵ VALCAN, Ciprian. *Les idées schopenhaueriennes dans l’oeuvre roumaine de Cioran*. In Eugène Van Itterbeek (s. dir.), *Cahiers Emil Cioran. Approches critiques*, vol. X, Sibiu/Leuven, Éditions de L’Université Lucian Blaga/Les Sept Dormants, 2009, p. 34 a 50.

¹⁶ VALCAN, Ciprian. Op cit p. 34.

O primeiro alvo de Valcan contra essa pretensa origem schopenhaueriana das obras do jovem Cioran é a ideia de pessimismo. Ele afirma que nos escritos cioranianos de juventude não há nenhuma adesão ao “pessimismo implacável” de Schopenhauer. O que há é uma “visão heroica”, uma “intensificação do vivido”¹⁷, marca visível de um nietzschianismo exaltado. Para fundamentar essa posição menciona, entre outros, o trecho seguinte de *Lacrimi si sfinti*: “Quanto mais leio os pessimistas, mais amo a vida. Após a leitura de Schopenhauer lamento não estar noivo”¹⁸. Diz Valcan: “o pessimismo se torna uma nota essencial do pensamento cioraniano apenas depois da renúncia ao nietzschianismo frenético de juventude, isto é, com a publicação de sua obra francesa”¹⁹. Aliás, Valcan sublinha que, nesse período francês, a grandeza trágica é substituída pelo “desapego”, pela “contemplação irônica da criação e da dissolução das coisas”²⁰ (resultado, diz ele, de suas leituras orientais ou budistas).

Outra posição cioraniana de juventude, apontada por Ciprian Valcan, revela-se claramente crítica em relação a Schopenhauer (provavelmente o Schopenhauer de *Metafísica do amor sexual*): “Ele tem razão, Schopenhauer, em dizer que a vida é um sonho. Mas cai em uma grave inconsequência quando em vez de encorajar as ilusões, ele as desmascara, nos deixando entender que existiria algo fora delas. Tudo é engodo, amargo e doce” (*Lacrimi si sfinti*)²¹.

Ciprian Valcan vê o jovem Cioran como alguém que exalta o tempo todo a “exuberância” da vida, como um adversário obstinado de toda concepção que tenha por objetivo a “redução da vitalidade”. Toda adesão à objetividade, à fria impessoalidade, nos afastaria do ritmo “palpitante” da vida: “*L’objectivité est l’assassin de la vie et ‘la vie’ de l’esprit*”²².

Mas é no que se refere ao fenômeno da individuação que o jovem Cioran – segundo Ciprian Valcan – mais se afasta de Schopenhauer. As famosas páginas do *Mundo* que falam dos indivíduos como “fenômenos passageiros”, que “nascem e passam”, conduzem Schopenhauer à ideia de que a libertação do sofrimento só seria alcançada pela superação, pelo ultrapassamento do eu. A individualidade é

¹⁷ Idem, p. 36.

¹⁸ CIORAN, Emil. *Des larmes et des saints*, tradução Sanda Stolojan, Paris, L’Herne, 1987, p. 117.

¹⁹ VALCAN, Ciprian. Op cit, p. 37.

²⁰ Idem.

²¹ CIORAN, Emil. *Des larmes et des saints*, p. 117.

²² CIORAN, Emil. *Bréviaire des vaincus*, Paris, Arcades-Gallimard, 1993, p. 105.

um mal – segundo Schopenhauer – porque nos prende no mundo dos fenômenos, no mundo do egoísmo, no mundo do tempo. Segundo Valcan, “nada poderia ser mais estranho ao jovem Cioran do que a ideia de que a individualidade é um mal que deve ser ultrapassado, que o eu é um erro ao qual devemos escapar”²³. O fenômeno da individuação é visto, pelo jovem Cioran, como “uma expressão da grandeza do destino humano, como uma realidade que deve ser protegida e exaltada justamente por causa da fragilidade e da tragicidade que ela contém”²⁴.

Para exemplificar essa visão cioraniana, o autor cita uma impressionante passagem de *O crepúsculo dos pensamentos (Amurgul Gândurilor, 1940)*:

A separação dos seres do caos inicial criou o fenômeno da individuação, um verdadeiro esforço da vida em direção à lucidez. As individualidades se originaram como um grito de apelo em direção à consciência, e os seres triunfaram em seu esforço para se desligar da confusão do todo. Enquanto o homem permaneceu como ser e nada mais, a individuação não havia superado os limites da vida, pois se apoiava no todo e era tudo. Mas o impulso para si mesmo, retirando-o do centro do universo, lhe deu a ilusão de um infinito possível nas fronteiras individuais. É assim que o homem começou a perder o seu limite, e que a individuação se tornou castigo: aí reside a sua dolorosa grandeza. Já que, sem o curso aventureiro da individuação, o homem não seria nada²⁵.

Para o jovem Cioran, nos diz Ciprian Valcan, a individuação não é uma “prisão temporária”, ela é “a única possibilidade de sair da armadilha da não-diferenciação, do murmúrio obscuro do ser... o único meio de se opor à tirania do Uno”²⁶. Outro texto do jovem Cioran, este de *Cartea amagirilor*, assim fala da individuação: “A individuação deu um nome à vida. Nós todos temos um nome; o mundo que precede a individuação é a vida sem nome, a vida sem rosto. Só a individuação deu um rosto à vida. Eis porque a ruína da individuação na morte é uma desfiguração”²⁷. Segundo Ciprian Valcan, a obra de Cioran expõe essa “tendência de exaltação do princípio de individuação” até o *Précis de*

²³ VALCAN, Ciprian. Op cit, p. 43.

²⁴ Idem, p. 44.

²⁵ CIORAN, Emil. *El ocaso del pensamiento*, tradução Joaquín Garrigós, Barcelona, Tusquets, 1995, p. 184-185.

²⁶ VALCAN, Ciprian. Op cit, p. 44.

²⁷ Apud VALCAN, Ciprian. Op cit, p. 45.

décomposition (1949)²⁸. A partir daí há uma “inversão radical” e Cioran aproxima-se muito mais de Schopenhauer (mesmo se essa modificação é sustentada por autoproclamadas “razões orientais ou budistas”).

E Ciprian Valcan conclui o seu texto com uma verdadeira joia do pensamento cioraniano em que este exalta o eu contra as tendências “piedosas” ou “religiosas” que buscam atacá-lo ou controlá-lo: “O eu é uma obra de arte que se nutre do sofrimento que a religião busca apaziguar. E o homem não tem outra nobreza senão a de ser o seu próprio esteta. Ele construirá na dor a beleza de sua pequenez e formará a sua substância ao se consumir” (*Bréviaire des vaincus*)²⁹.

A principal razão da oposição de Ciprian Valcan a um suposto schopenhauerismo do jovem Cioran é a ideia de que este seria “um adepto do *pathos*, das transformações radicais... um adorador do vivido, ao qual a ideia da renúncia, do afastamento dos sentidos, da expulsão da subjetividade não pode de forma alguma parecer mobilizadora”³⁰. De acordo com essa visão, o jovem Cioran parece estar mais próximo do entusiasmo nietzschiano do que das consolações schopenhauerianas.

²⁸ Idem p. 46.

²⁹ Apud VALCAN, Ciprian. Op cit, p. 48-49.

³⁰ Idem, p.49.